

PSDB perde representação no Congresso

BRASÍLIA — Na instalação do novo Congresso, no dia 1º de fevereiro, o PSDB estará com 23 deputados federais e 1 senador a menos do que agora. Na avaliação manuscrita da liderança do partido na Câmara, ontem à tarde, os quadros tucanos na Câmara minguaram de 60 para 37 deputados e os do Senado de 11 para 10 com a eleição do dia 3. Criado durante a Constituinte de 1988, o PSDB reuniu algumas das mais importantes lideranças do Congresso e parecia uma boa promessa eleitoral, o que não se concretizou no primeiro teste geral este ano.

“É uma frustração diante da nossa expectativa original”, admitiu o deputado José Serra (SP). “Mas, na realidade, é uma bancada bem razoável”, corrigiu em seguida. Serra conseguiu escapar com louvor da alavanca contrária ao PSDB nas urnas e poderá até mesmo ser o candidato mais votado de São Paulo à Câmara dos Deputados. Segundo ele, “o mais importante é assegurar as pontas para que a emoção da derrota não produza reações destemperadas”.

O líder na Câmara, Euclides Scalco, que perdeu a eleição para vice-governador do Paraná e vai ficar sem mandato, tem uma explicação para o resultado: do total dos eleitores do Estado, 37,1% apenas depositaram votos válidos nas urnas. Dos 62,9% restantes, 14,7% foram abstenções, 30,8% votos em branco e 17,4% votos nulos. “Foi a minoria que nos derrotou”, disse.

O efeito disso vai retirar da bancada tucana no Congresso o senador Pompeu de Sousa (DF) e deputados muito atuantes como Egydio Ferreira Lima (PE), uma espécie de guru, Saulo Queiroz (MS), um executivo do partido, e Robson Marinho (SP), que transita bem em todas as alas partidárias.

A corrosão na bancada da Câmara tem uma explicação muito objetiva, segundo os tucanos: foi o efeito-cascata, que começou com a queda vertiginosa dos candidatos ao governo de São Paulo (Mário Covas), Minas (Pimenta da Veiga) e Paraná (José Richa). O PSDB é hoje a segunda bancada do Congresso. Não se sabe ainda em que classificação ficará na nova legislatura.